



Conhecimento como percepção em *Teeteto* de Platão

Adilson Júnior Pilotto^{*}

Beatris Fátima Gaik^{**}

Marcelo Pieruk^{***}

Maria Luíza Ostrowski^{****}

Monalisa Cristina Stempkowski Prilla^{*****}

Resumo: O presente artigo trata da investigação do conceito de conhecimento na obra *Teeteto* de Platão. Fazendo-o dialogar com outros autores, inclusive, contemporâneos, procurando trazer à realidade atual a busca encetada na antiguidade. O diálogo transcorreu, principalmente, entre *Teeteto* e Sócrates, sendo que aquele percorreu a conceituação desde a comparação entre conhecimento em si e suas aplicações; conhecimento como percepção; conhecimento como opinião verdadeira e conhecimento como opinião verdadeira acrescida da razão. Este trabalho restringiu-se ao conceito como percepção, dirigindo-se às imperfeições na captação dos sentidos físicos e o auxílio prestado pela memória. Quanto à percepção, constatou-se que sua participação na conceituação não podia ser exclusiva, tendo em vista as possibilidades de desvios no caminho das informações no percurso do exterior até à mente, até sua interpretação final. A este aspecto alia-

^{*} Graduando em Filosofia pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Auxiliar de disciplina em Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Badalotti (EMEFLB). E-mail: adilsonpilotto@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0038438113210239>.

^{**} Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Professora em Escola Sossogo da Mamãe (ESM). E-mail: bea.gaik@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1258148747548484>.

^{***} Graduando em Filosofia pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: mkpieruk@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0762132231839470>.

^{****} Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: luizamariaostrowski@gmail.com.

^{*****} Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: monalisaprilla@hotmail.com.

se a participação da memória cuja função no processo envolvendo a percepção, atua no registro e armazenagem de informações, pois o que um indivíduo lembra também conhece. No entanto, o tema continua pendente na conceituação final, pois as coisas em si não são aprisionadas meramente pela linguagem. Conclui-se que o trabalho de definição do conhecimento ainda é tarefa de pesquisas mais aprofundadas, tendo em vista o farto material de trabalho à disposição para o estudo.

Palavras-chave: Conhecimento; Interpretação; Memória; Percepção; *Teeteto*.

Knowledge as perception on Plato's *Theatetus*

Abstract: This article deals with the investigation of the concept of knowledge in the Plato's *Theatetus*. Making the dialogue with other authors, including contemporary, seeking to bring the current reality the search initiated in antiquity. The dialogue went mainly between Theaetetus and Socrates, and he toured the concept from the comparison between knowledge itself and its applications; knowledge and perception; knowledge as true belief and knowledge as true belief plus the reason. This work was restricted to the concept as perception, addressing the shortcomings in capturing the physical senses and the aid provided by memory. As for the perception, it was found that participation in the concept could not be exclusive, given the possibilities for deviations in the way of information outside the route to the mind, to its final interpretation. In this aspect, it is combined with the participation of memory whose function in the case involving the perception, operates in the recording and storage of information, for an individual to remember, too, knows. However, the issue is still pending, the final concept, as things in themselves are not merely trapped by language. It is concluded that the definition of knowledge work is still further research task in view of the abundant labor material available for study.

Keywords: Knowledge; Interpreting; Memory; Perception; *Theatetus*.

Introdução

Conforme Taylor (2010), Platão debruçou-se sobre os mais diferentes e variados temas em seus diálogos, nos quais aparece a figura de

Sócrates questionando outros filósofos, intelectuais e cidadãos para fornecer respostas definindo coisas e fenômenos, constituindo a atividade numa prática da maiêutica, de modo que tais respostas eram consideradas rebentos de pessoas que estavam “grávidas” de conceitos e, assim, eram auxiliadas a “dar à luz” ao seu conhecimento.

De acordo com Schüller (1985), desde o modelo antigo da prática filosófica, quando mercadores e políticos discutiam em praça pública sobre questões que fugiam das meras contingências imediatas, o conhecimento era alimentado pelos mais diversos argumentos. Cada participante do diálogo filosófico direciona-se para uma faceta da verdade adentrando-a em sua máxima complexidade, procurando vislumbrar totalmente a realidade do que existe, avançando sempre através de questionamentos num discurso jamais concluído com um conceito meramente superficial.

O presente trabalho tem por finalidade analisar a definição do conhecimento como percepção levantada em *Teeteto* de Platão. Para tal, fez-se a revisão bibliográfica de textos de alguns comentadores e pesquisadores do assunto. O artigo divide-se em quatro seções, nas quais a percepção é concebida e explicada como definição de conhecimento, de acordo com o que foi levantado por Teeteto diante do questionamento de Sócrates. No subtítulo “O Conhecimento como percepção no *Teeteto*”, encontra-se o resumo de como ocorre a construção da definição de conhecimento como percepção, conforme Teeteto no livro de Platão; em “Conhecimento como Percepção”, aborda-se a maneira como é conceituada a ideia da percepção como conhecimento e as formas como isto pode ser entendido. Na seção “Imperfeição na captação dos sentidos físicos”, demonstram-se quais poderiam ser as manifestações das impressões oriundas nos sentidos físicos, considerando que estes não captam o objeto em si, mas sim sua imagem ou outra percepção correspondente. Finalmente, em “A contribuição da memória”, apresenta-se que a memória pode ser uma fonte de conhecimento, participando ativamente do processo como um todo, em conjunto com outras faculdades da natureza humana.

O Conhecimento como percepção no *Teeteto*

Revisando a obra *Teeteto*, de Platão, em geral, observa-se que o personagem lança mão de pelo menos três aspectos para explicar o que é conhecimento, excluindo a mera comparação disso com habilidades inicialmente mencionadas ou aplicações do conhecimento. As outras definições arguidas por *Teeteto* foram: conhecimento não passa de percepção; seria opinião verdadeira; e, ainda, opinião verdadeira acrescida da razão, ou melhor, opinião verdadeira racional. Neste trabalho, resolveu-se esmiuçar a definição do conhecimento como percepção e adentrar no que ela pode ser constituída.

O conhecimento em Platão não é algo que se possa comparar e a pergunta era clara e sucinta. *Sócrates* queria a definição específica do que era conhecimento: “[...] empenha-te em designar as múltiplas formas do conhecimento por meio de uma única definição” (PLATÃO, 2007¹, p. 51). Não se trata de um conhecimento qualquer, e sim do único conceito possível, *do que é conhecimento*. Teeteto arriscou então, “[...] que aquele que conhece qualquer coisa, percebe o que conhece; e, como parece no momento, o conhecimento não passa de percepção” (PLATÃO, 2007, p. 56).

No entanto, a resposta parecia estar imersa em muitas dúvidas conceituais, inspiradas no sofista Protágoras, quando este “[...] declara em algum lugar que o ser humano é a medida de todas as coisas, da existência das coisas que são e da não existência das coisas que não são” (PLATÃO, 2007, p. 57). Entretanto, há o fato de que as percepções de alguns indivíduos são diferentes das de outros, pois há diferença na captação e processamento das informações entre esses indivíduos, principalmente, no que tange ao estado emocional e físico destes.

Além disso, Sócrates trouxe a informação do eterno processo do vir-a-ser, evocada muitas vezes por grandes pensadores e sábios como o próprio Protágoras, bem como pelos filósofos Heráclito e Empédocles, e poetas como Homero e Epicarmo, com exceção ao filósofo Parmênides, que

¹ Texto escrito por Platão no Séc. V a.C., organizado por Henri Estienne (Stefanus) em 1578 e sempre traduzido, reorganizado e editado pelos mais diversos autores da atualidade.

professava a unicidade do todo, aqueles expressaram que o movimento faz a geração das coisas em si, e que nada é permanente, tudo está sempre mudando e, se contrário fosse, haveria um colapso, um corromper das estruturas físicas e sua degeneração. Então, o que é perceptível no momento presente não o será para sempre. Em seguida, apresentará mudança, tanto na forma, no conteúdo quanto na constituição e na localização espacial em um contexto cósmico.

Igualmente, Sócrates considera que essa mudança e movimento estariam dentro de um contexto de prática e que o repouso e inércia somente trariam a desagregação. Comparou a um corpo que se desenvolve por meio do exercício, e que o contrário atrai o declínio.

Mais adiante, Sócrates alude a outro aspecto do conhecimento ser exclusivamente percepção. Ele refere-se à memória: quem gravou algo visível, audível, sensível ao tato, algum gosto ou cheiro e, mais tarde, sem estar na presença destas sensações, pode lembrar-se, possui conhecimento destas coisas, sem, no entanto, ter percepções delas.

Na sequência, os questionamentos de Sócrates, para desconstruir o conceito de Teeteto, parecem direcionar a resposta para a próxima definição, a saber, de que conhecimento seria algum tipo de opinião; para tal, procura desarranjar as ideias de Protágoras abordando o assunto, inicialmente, como se houvesse uma alternância entre sabedoria e ignorância:

Sócrates: [...] Protágoras admitiu que alguns indivíduos superavam outros no que tange ao melhor e ao pior, sendo esses indivíduos os sábios. [...]

Sócrates: [...] ele diz, não é mesmo “que aquilo que aparece a cada indivíduo efetivamente é para aquele a quem aparece”. [...]

Sócrates: [...] então, Protágoras, também expressamos as opiniões de um ser humano, ou melhor, de todos os seres humanos, e dizemos que ninguém há que não se julgue mais sábio do que os outros em certas matérias, e outros mais sábios do que ele próprio em outras matérias. [...] E todo o mundo humano, ousado dizer, torna-se repleto de pessoas que buscam mestres e chefes para si, para outros seres vivos e para a direção de todas as atividades humanas; e, por outro lado, de

peessoas que se julgam qualificadas para ensinar e para chefiar. E, observando todos esses casos, é imperioso dizermos que os próprios seres humanos creem que sabedoria e ignorância existem entre os seres humanos [...].

Sócrates: E, portanto, julgam que a sabedoria é o pensar verdadeiro e a ignorância, a opinião falsa (PLATÃO, 20071, p. 86-87).

E, depois, efetivamente, como opiniões opostas:

Sócrates: [...] Diremos que as opiniões sustentadas pelos seres humanos são sempre verdadeiras ou às vezes verdadeiras, às vezes falsas? O fato é que o resultado de uma proposição ou outra é que as opiniões dos seres humanos não são sempre verdadeiras, sendo possível que sejam ou verdadeiras ou falsas (PLATÃO, 20071, p. 87).

Diante de tantos argumentos, ainda, Sócrates considera a diferença usual das expressões “através” e “por meio” do que percebemos algo, e o que isso influenciaria esta percepção para cada indivíduo, referindo-se aos órgãos dos sentidos. Os órgãos de sentidos estão ligados a um centro que interpreta as informações assim obtidas. Nota-se que a cultura grega convencionou que a alma é que distinguiria as coisas por si mesmas. Os órgãos não poderiam, jamais, interpretar os dados, somente serviriam de veículo ou instrumento para a captura das impressões com as quais a alma trabalharia.

Dentre estes órgãos encontramos a memória, a qual era comparada com um bloco de cera que poderia ser de melhor qualidade, sendo mais dura ou mais mole, mais pura ou mais impura e assim por diante, como está expresso no trecho de Platão (20071, p. 122). Tendo como exemplo o excerto de Platão que diz que “[...] a alma, embora considere algumas coisas através das faculdades do corpo, considera outras sozinha e através de si mesma” (PLATÃO, 20071, p. 112), deduzindo-se, então, que para os gregos, alma significava mente, e isto é o que melhor a conceitua no contexto dos fenômenos racionais.

Conhecimento como percepção

Após compreender que Sócrates queria a definição do conceito de conhecimento, sem comparações ou atribuições, Teeteto levanta a hipótese de que conhecimento é percepção, e que o conhecimento de algo se dá por meio do contato dos sentidos. Contudo, Sócrates observa que os sentidos de cada pessoa são diferentes. Apenas o que é conhecido é verdadeiro. Se conhecimento for percepção, aceita-se novamente a teoria de Protágoras, (conforme citado acima), para quem o que parece verdadeiro para uma pessoa é verdadeiro para essa pessoa, ou, conforme Platão (20071, p. 57-58): “Conclui-se que como cada indivíduo percebe as coisas, assim são elas para cada indivíduo”.

Se for verdade que tudo no mundo transforma-se, as cores que se percebe não seriam estáveis. Dessa perspectiva, Platão (20071, p. 58-65) afirma que cada cor é o produto do encontro entre o sentido da visão com a cor que se vê. Por exemplo, a brancura do branco é gerada pelo encontro do olho e a cor do objeto, numa alternância entre elementos ativos e passivos, sendo alguns percipientes e outros perceptíveis.

Hipoteticamente, ainda de acordo com o que Sócrates discorre sobre o assunto questionando Teeteto quanto à sua definição de percepção como conhecimento em Platão (20071, p. 67), no cotidiano, não existe somente sensações, pois se tem sonhos e neles percorrem-se grandes distâncias mentais alguns têm a ilusão de serem deuses. Talvez não seja possível ter a certeza de se estar acordado ou não ou qual é a consistência da realidade.

Levanta-se a dúvida se o conhecimento, então, seria apenas percepção, diante de tamanhas discrepâncias. Por exemplo, o fato de conhecer uma língua é muito mais que ouvir os sons pronunciados, bem como conhecimento sem percepção é ver um objeto e saber de sua localização espacial quando, ao fechar os olhos, sabe-se que ele estará ali na mesma posição. Isto se pode considerar conhecimento sem percepção, trazendo à baila o mecanismo da memória, conforme Platão (2007, p. 77). Outro exemplo, o de um médico: este sabe se o seu paciente tem febre,

mesmo sem utilizar-se de seus próprios sentidos, somente usando seu conhecimento. Igualmente, os sentidos dos pacientes percebem a febre.

Em sua tese de doutorado, Borges (2009) comenta que Sócrates usa um argumento que mostra que o corpo e os sentidos são um canal para percepção, fazendo defesa que corpo e mente se unem na percepção. Platão, ao que parece, defende a tese de que a mente trabalha sobre os dados fornecidos pelos sentidos. No decorrer das linhas, estudaremos um pouco sobre a percepção e o conhecimento.

Um exemplo a citar-se é que a percepção não se dá nem no globo ocular nem no objeto, mas sim no encontro desses mesmos. Porém, para Platão, a alma tem um papel exclusivo que é analisar os objetos percebidos. Sócrates argumenta no diálogo Teeteto, 184d-e, que nós não aprendemos o que é uma coisa ou outra não só pelos olhos, mas também se aprendemos outras coisas por outros sentidos, um exemplo que podemos citar é: aprender a gostar de uma música ouvindo-a. Para Sócrates, não podemos perceber algo com a visão e ao mesmo tempo com a audição. Assim, quando Teeteto concorda com essa tese, Sócrates conclui que se alguém pensa em algo não pode estar percebendo com ambos, seja por órgão sensível ou pela mente.

Borges (2009) usa duas opções interpretativas para explicar o que foi dito no parágrafo acima: *o argumento do objeto próprio (APO)*, de modo que o primeiro (*APO 1*) diz exatamente o que foi dito, sendo que nada que é percebido pela visão pode ser percebido pela audição e vice-versa fazendo-se valer para os outros sentidos; e o *APO 2*, que cores só podem ser percebidas pela visão assim como sons percebidos pela audição e o gosto pelo paladar. Ao ver, parece que as duas são iguais, mas repare-se que uma delas prende as percepções a si própria não dando brecha para outro sentido e retrata uma tese correta sobre percepção. Essa tese seria a de *AOP 2*. A única vantagem da *AOP 1* é que ela tem uma tese mais geral da percepção, porém, muito incompleta.

Analisando bem, o diálogo Teeteto, a *APO 1* é inútil para Sócrates, pois é apenas uma tese de que a alma tem capacidade de reflexão sem que isso implique na apreensão sensorial das coisas. Uma função reflexiva da alma, por exemplo, é pensar que o vermelho é uma junção de cores, porém

posso distinguir o verde do vermelho apenas pelo uso da ideia do "contraste". Assim, pode-se concluir que eu sei que o vermelho é diferente do verde apenas pelo contraste de cores sem precisar da reflexão da alma. Sócrates, porém, diz que a simples percepção de algo que não seja pigmentação do vermelho já é um trabalho da alma.

Imperfeição na captação dos sentidos físicos

As oposições que surgem perante a sensação levam a alma à reflexão. A alma, diante de tal reflexão, verá que tais oposições não passam de ideias distintas, bem como ideias contrárias não podem ocupar o mesmo sujeito na mesma relação. Diante destas formulações opostas ou ideias contrárias, se encaixa a tese platônica de que a razão é uma capacidade que atua em potência máxima, a capacidade determinar o ser, as relações e as oposições. Quando a percepção não traz contradição, como é o caso da visão de um "pé", pode-se dizer que a alma não atua e que a sensação pode ser vista como algo adequado. Já quando a sensação apresenta contradição, a alma é solicitada e põe-se a estudar.

Na segunda parte de *Teeteto*, Sócrates ressalta que as sensações podem ser diferentes para cada pessoa. Por exemplo, o frio. Para uma pessoa o frio pode ser intenso, para outra pode não parecer tão frio assim. É exatamente isso, o "parecer", que não pode ser totalmente conhecido, somente o que é realmente verdadeiro pode ser conhecido.

Realmente o mundo está em constante mudança, então as cores que se vê e o que se sente não são realidades objetivas e estáveis. No reino dos sentidos, tudo o que se percebe, é; mas a existência da qualidade e a aparição aos sentidos são inseparáveis umas das outras, diferente do caminho pelo qual percorre a percepção, atribuindo-se ao objeto percebido qualidades diferentes de quando há alteração no estado do percipiente, podendo-se aduzir a um estado patológico ou influenciado por algum produto alucinógeno. Por exemplo, uma pessoa de boa saúde quando prova um vinho, não o sentirá tão amargo quanto uma pessoa adoecida:

De acordo com os princípios admitidos por nós a algum tempo, isso ocorre porque os elementos ativos e passivos, movendo-se concomitantemente, geram tanto doçura quanto uma percepção; do lado passivo, a percepção torna a língua perceptiva, enquanto do lado do vinho, a doçura, que provém do vinho e o impregna, move-se e faz o vinho tanto ser quanto parecer doce a língua que está sadia (PLATÃO, 2007, p. 70).

Como é notável, cada qual dos sentidos, visão, audição, paladar, olfato e tato, tem a sua função. Portanto, não se pode enxergar com o paladar ou ouvir com o olfato.

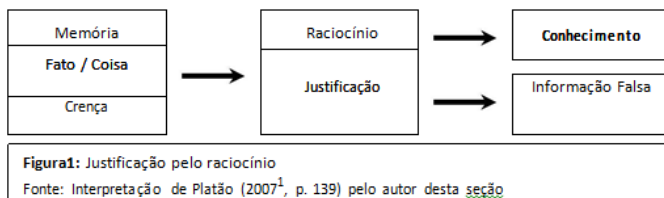
Voltando para o tema deste artigo, é notável a primeira definição de Teeteto a Sócrates sobre conhecimento ser a percepção, mas, diante dos argumentos acima, é possível perceber porque Sócrates insiste no diálogo e interrogações a Teeteto, pois as percepções podem ser alucinógenas e deliráveis. Para tanto, é impossível que somente percepção seja a resposta para o que é conhecimento.

A contribuição da memória

No texto de Platão (2007, p. 76-77), encontram-se passagens em que Sócrates duvida de Teeteto sobre se o conhecimento era percepção considerando que, se quando temos uma percepção de algo, conhecendo-o, assim ainda o fazemos quando cessamos a captação desta impressão, sendo refutado pelo interrogado tendo este admitido que isto funcionava como lembrança ou memória. Esta passagem parece ter eco com o que escreve Guimarães (2009, p. 20), salientando que a consideração da memória como elemento partícipe da construção do conhecimento foi esquecida e de certo modo, relegada ao desuso tanto pelo estudo, como pela análise do conhecimento e a produção textual na epistemologia até poucos anos atrás,

provavelmente até meados de 1963, quando Gettier escreveu um artigo de três páginas expondo o assunto².

Retomando o texto de Platão (2007, p. 77; 122-123), no qual ele tem interesse em considerar a contribuição da memória às percepções na captação e armazenamento de informações para a constituição de conhecimento, o trato das informações recebidas pelos sentidos perceptivos é feito pelo intelecto por meio do trato de imagens. Contudo, isto não é na sua totalidade e pode se dar por meio da pura racionalização de informações, pois “[...] as imagens não são cruciais e fundamentais para a lembrança, não cabendo à memória um papel necessariamente representacional” (GUIMARÃES, 2009, p. 62). Entretanto, ela traz registrado um fato percebido ou racionalizado e isto (o fato) é o conteúdo da análise tripartite. Este conteúdo deve ser submetido a exame para tornar-se um conhecimento tal como é possível clarificar com a seguinte ilustração:



A justificação pelo raciocínio funciona, ainda de acordo com Platão (2007, p. 120), como se fosse um diálogo entre a mente consigo mesma. Como se ela fizesse perguntas lógicas admitindo afirmações ou negações como respostas, até chegar a uma conclusão sobre algum fato racionalizado.

A memória é apresentada como fonte de crença de acordo com a seguinte passagem:

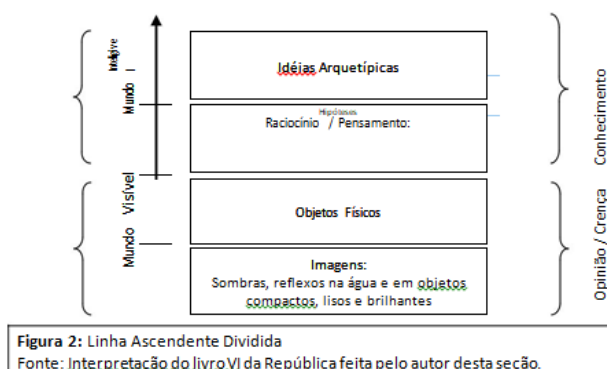
A memória, para Audi³, é uma fonte de crença no sentido de que ela as preserva na mente, as crenças, e

² GETTIER, E. L. Is Justified True Belief Knowledge? *Analysis* 23, p. 121-123, 1963. Citado por Guimarães (2009).

³ AUDI, R. epistemólogo da memória norte-americano, autor de: *Epistemology: a Contemporary Introduction to the Theory of Knowledge*, 2003. Citado por Guimarães (2009).

as disponibiliza ao sujeito cognoscente no sentido de poderem ser acessadas. Também é a faculdade memorial que possibilita que nos apoiemos em nossas crenças a fim de fornecer premissas para a realização dos raciocínios, sejam eles dedutivos e/ou indutivos, como quando resolvemos problemas matemáticos utilizando como fundamento teoremas que memorizamos, ou quando buscamos inferencialmente a melhor explicação para algum dado fenômeno empírico, por exemplo (GUIMARÃES, 2009, p. 66).

O que há de concreto é que a percepção leva à crença e esta está no quadrante da opinião, portanto, mera crença não gera conhecimento, conforme a ilustração inspirada na passagem de Platão (2000, p. 207-209):



Fazendo uma rápida digressão ao Fédon (2008, p. 210-211), podemos lá encontrar algo semelhante à reminiscência. Tal ocorre quando nos deparamos com alguma coisa que nos traz à memória um fato relacionado a lembranças do estado em que se encontrava a alma antes de se encarnar, tal como um objeto percebido sendo semelhante às formas observadas pela alma, naquele estado, no mundo das ideias.

Entretanto, a memória e reminiscência não são sinônimas. Porém, tal como foi compreendido diante das leituras presentes, é um mecanismo de armazenagem de informações, de percepções, das interações originadas no processamento dos dados percebidos, racionalizados e, então, novamente gravados. Se for utilizado o esquema de ilustração apresentada na Figura 1,

uma dada percepção deve ser pensada a ponto de justificar-se. Este pensamento é o próprio funcionamento da racionalidade e, também, pode ser aplicado à memória. Fatos gravados neste mecanismo podem ser meros objetos de crença se não passar pelo processamento da razão.

Considerações Finais

O presente trabalho teve por finalidade analisar a definição do conhecimento como percepção levantada por Teeteto, revisando-se o diálogo *Teeteto* de Platão e textos de alguns comentadores e pesquisadores do assunto. Depreende-se que, depois de passar rapidamente por um conceito que não passava de comparação com outros tipos de conhecimento ou aplicações deste, a percepção é a primeira definição substancial de conhecimento, proferida por Teeteto diante do questionamento de Sócrates sobre sua definição.

No entanto, é possível dissecar o assunto com muito mais detalhes, pois a percepção colabora na construção do conhecimento, bem como outras faculdades integrantes da natureza humana, tais como o raciocínio ou razão, a memória, a reminiscência (muitas vezes ligada a esta última) e a introspecção (ligada ao raciocínio imaginativo/contemplativo).

O artigo dividiu-se em quatro seções onde a percepção foi concebida e explicada como definição de conhecimento, de acordo com o que foi levantado por Teeteto diante do questionamento de Sócrates. No subtítulo “O Conhecimento como percepção no *Teeteto*”, procurou-se fazer um resumo de como ocorreu a construção da definição de conhecimento conforme *Teeteto* no livro de Platão; em “Conhecimento como Percepção”, abordou-se a maneira como foi conceituada a ideia da percepção como conhecimento e as formas como isto pôde ser entendido. Na seção “Imperfeição na captação dos sentidos físicos”, demonstrou-se quais poderiam ser as manifestações das impressões oriundas nos sentidos físicos, considerando que estes não captam o objeto em si, mas sim, sua imagem ou outra percepção correspondente. Finalmente, em “A contribuição da memória”, apresentou-se que a memória pode ser uma fonte de

conhecimento, sendo que participa ativamente do processo como um todo, em conjunto com outras faculdades da natureza humana.

No entanto, em *Teeteto*, a análise do que é conhecimento é apenas levantada, sendo a tarefa de realizar a conceituação, certamente, destinada a pesquisas mais específicas e de maior aprofundamento na matéria, tendo à disposição farto material de estudo e trabalho.

Referências

BORGES, Anderson de Paula. *Razão e sensação no Teeteto de Platão*. 2009. 137 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-22032010-121526/pt%20br.ph>. Acesso em: 17 nov. 2011.

GUIMARÃES, Ricardo Rangel. *Conhecimento e justificação na epistemologia da memória*. 2009. 85 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/13/%20TDE-2009-10%2009T140353Z%202161/Publico/417435.pdf. Acesso em: 21 set. 2011.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2000.

PLATÃO. Fédon. In: PLATÃO. *Diálogos III*: Fedro (ou do belo), Eutífron (ou da religiosidade), Apologia de Sócrates, Críton (ou do dever), Fédon (ou da alma). Tradução, textos complementares e notas de Edson Bini. Bauru/SP: EDIPRO, 2008.

PLATÃO. Teeteto. In: PLATÃO. *Diálogos I*: Teeteto (ou do conhecimento), Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofistas). Tradução, textos complementares e notas de Edson Bini. Bauru/SP: EDIPRO, 2007.

SCHÜLER, Donaldo. *Literatura Grega*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

TAYLOR, Christopher. *Sócrates*. Porto Alegre, RS: L&PM Ed., 2010.

Data de registro: 06/11/2017

Data de aceite: 30/11/2016